



PEIXE FORA DE

ÁGUA

HOLLY SMALE

Tradução de Alexandra Guimarães

 **Porto
Editora**

Ajustado – adjetivo

1 Que está de acordo

2 Que se adequa

3 Justo

4 Combinado

5 Regulado; afinado

Nome

1 Combinado

2 Acordo

Verbo

1 Particípio passado do verbo ajustar



O meu nome é Harriet Manners e sou manequim.

Sei que sou manequim porque:

1. É segunda-feira de manhã e estou com uma saia de tule dourado, um casaco dourado, umas sabrinhas douradas e uns brincos dourados. Tenho a cara pintada de dourado e uma espécie de longo arame dourado enrolado à volta da cabeça. E esta não é a forma como habitualmente me visto às segundas-feiras.
2. Ando com um guarda-costas atrás de mim. Os brincos são tão caros que não me deixam ir à casa de banho sem que um homem gigante verifique os lóbulos das minhas orelhas assim que saio, para ter a certeza de que não os deixei cair acidentalmente pela sanita abaixo.
3. Há duas horas que não tenho permissão para sorrir.

4. Sempre que dou uma dentada num *donut*, para não perder as forças, toda a gente sustém a respiração como se eu tivesse acabado de lamber o chão.
5. Tenho uma enorme máquina fotográfica apontada à minha cara e o homem por trás dela repete incessantemente: “Ei, manequim”, e estala os dedos para me chamar.

Existem outros indícios – estou com um ar ligeiramente amuado e a fazer pequenos movimentos a cada dois segundos, como um robô –, mas não são necessariamente conclusivos. É exatamente assim que o meu pai reage quando vê o anúncio de um carro na televisão.

De qualquer forma, o principal motivo pelo qual tenho a certeza de que sou manequim é este:

6. Transformei-me numa figura graciosa, elegante e cheia de estilo.

Aliás, posso mesmo dizer que cresci bastante desde a última vez que nos vimos.

Evolui. *Desabrochei*.

Não de uma forma literal. Na verdade, tenho exatamente a mesma forma e tamanho que tinha há seis meses, e há um ano. No que respeita às curvas femininas, e tal como a capitã da equipa de *netball* da minha escola, a puberdade decidiu definitivamente deixar-me para última escolha.

Portanto, evoluí e desabrochei metaforicamente. Simplesmente acordei um dia e *PUMBA*: a moda e eu estávamos em perfeita sintonia. Trabalhando juntas, ajudando-nos mutuamente. Como o crocodilo e aquele pássaro egípcio pequenino, a ave de crocodilo, que lhe sobe para a boca para lhe retirar dos dentes os pedaços de carne que ficam lá presos. Só que, obviamente, de uma forma muito mais glamorosa e higiénica.

E vou ser totalmente honesta convosco: eu mudei. A *geek* desapareceu e deu lugar a alguém atraente. Popular. Fixe.

Uma nova Harriet Manners.

2

Adiante. A melhor parte de estar em total sinergia com o mundo da moda é que todas as sessões fotográficas correm lindamente.

– Muito bem – diz Aiden, o fotógrafo –, em que é que estamos a pensar, manequim?

(Estão a ver? Em que é que *estamos* a pensar: eu e a moda já partilhamos, basicamente, o cérebro).

– Estamos a pensar em algo misterioso – respondo. – Algo enigmático, impenetrável.

– E porque é que estamos a pensar nisso?

– Porque é isso que está escrito na caixa do perfume.

– Exatamente. Estou a imaginar uma Greta Garbo, uma Betty Grable, uma Hepburn, uma Hayworth, uma Baccal ou uma Bardot. Mas talvez seja melhor inspirares-te numa concorrente de um *reality show* e fazeres o oposto.

– Percebido! – respondo, alterando ligeiramente a minha pose e arrastando o pé de forma a deixar a sola do sapato virada para mim. Em seguida, inclino-me graciosamente na direção dele. *Misterioso*. Agarro a ponta do casaco e levanto-a ligeiramente, como se fosse a asa de uma borboleta, e inclino o rosto

para baixo. *Enigmático*. Finalmente, arqueio as costas e estendo um braço de forma a ficar com a cara virada para o interior do meu cotovelo. *Impenetrável*.

– É isso mesmo. – Aiden ergue o rosto por detrás da máquina fotográfica. – A Yuka Ito tinha razão, manequim. As tuas poses são estranhas, mas funcionam. Muito vanguardista. Muito alta costura.

O que é que eu vos disse? Eu e a moda: unha com carne.

– Agora, vira o cotovelo para o outro lado. – O fotógrafo aninha-se, ajusta o obturador e volta a erguer os olhos na minha direção. – Olha para a câmara.

Bolas.

– Na verdade – digo, sem perder a pose –, enigmático, misterioso e impenetrável são sinónimos. A Yuka teria poupado muito espaço na caixa se escolhesse apenas um dos adjetivos.

– Deixa lá isso e põe o braço como eu te disse.

– Hum... Será que ela pensou em “desnorteante”? Significa perder o norte, como acontecia antigamente aos marinheiros quando um vento forte os fazia perder o rumo. Parece-me apropriado para um perfume, não acha?

O Aiden aperta a cana do nariz com dois dedos.

– Certo... E se me mostrasses a sola do sapato? Era interessante apanharmos o contraste da sola na fotografia.

Pigarreio com um nervoso miudinho.

– Hum... Mas isso não poderá ser considerado uma afronta na Arábia Saudita, na China ou na Tailândia? Nesses países é considerado má educação mostrar a planta dos pés... – Olho à minha volta, já invadida pelo pânico. – Não queremos correr o risco de

sermos mal entendidos e de alienarmos estes mercados, pois não?

Estendo o braço num gesto pomposo e convincente, e algo na minha manga chama a atenção do fotógrafo.

Oh, não. Não, não, não.

– O que é isso? – pergunta ele, levantando-se e caminhando na minha direção, enquanto eu tento a custo levantar-me, uma vez que tenho os pés presos na enorme saia cheio de folhos. O fotógrafo agarra o meu braço e descola do interior da manga do casaco um pequeno autocolante dourado.

– O que é isto?

– Hum... – começo por dizer, engolindo em seco e esforçando-me por fazer a expressão mais cândida que me é possível.

O Aiden esforça-se para tentar ler o autocolante.

– $F = M \times A$? – pergunta ele, lendo pausadamente o que lá está. De seguida, arranca mais três papelinhos do forro do casaco. – $V = I \times R$? $E_k = \frac{1}{2} \times M \times V^2$? $W = M \times G$?

Antes que eu consiga fugir, tira-me o sapato do pé, vira-o ao contrário e arranca mais um autocolante do tacaõ. E outro da outra manga e mais quatro do meio dos folhos da saia.

Pestaneja confuso e olha embasbacado para os autocolantes, enquanto eu fixo o olhar no chão, tentando parecer o mais pequenina possível.

– Harriet Manners – diz ele numa voz lenta e incrédula –, estás a estudar Matemática a meio da minha sessão fotográfica?

Sacudo a cabeça e olho para o espaço vazio atrás da orelha esquerda do Aiden. Lembram-se do crocodilo e do pássaro? Parece-me que um de nós está prestes a ser devorado.

– Não – respondo baixinho. Em primeiro lugar, porque estou a estudar Física, e não Matemática, e em segundo lugar, porque tenho estado a estudar desde o início, e não só a meio da sessão.